

Bob Dylan e Caetano Veloso versus plágio e crítica burra

James Martins

"The bad artists imitate, the great artists steal" (artistas ruins imitam, grandes artistas roubam). A frase de Pablo Picasso roubada por Banksy pode ser traduzida, nesta nossa época, da seguinte forma: artistas meeiros criam, super artistas possuem. Sim, o lance hoje em dia quase que tornou sinônimas as palavras 'imitar' e 'criar'. Muitas obras supostamente criativas são muito mais imitativas que outras escancaradamente apropriativas (ou ladronas), essas sim criativas em última análise. Um exemplo simples: as músicas de Jorge Vercillo não podem ser consideradas plágios das de Djavan, mas são muito menos originais que a 'Sampa' de Caetano Veloso roubando parte da melodia da 'Ronda' de Vanzolini ou ainda a 'Insensatez' que Tom Jobim afanou de Chopin. Isso para nem falarmos em Marcelo Duchamp. Pois bem, diante de tudo isso que já é tão costumeiro para tantos, soam realmente engraçadas, para não dizer ridículas, as acusações de plágio feitas a Bob Dylan.

Em entrevista publicada na Rolling Stone que chegou às bancas nesta sexta-feira (14), o compositor falou pela primeira vez sobre toda essa bobagem que já o persegue desde outros carnavais. Além de xingar os críticos, classificando-os como 'wussies and pussies' (tolos e baitolas), Dylan ainda argumentou que a apropriação faz "parte da tradição do folk" e que "a citação é uma tradição rica e enriquecedora". Ou seja, disse o óbvio. Mas, como parece que de fato só os profetas enxergam o óbvio, o cantor ainda teve a pachorra (não sem ironia) de explicar mais: "Estou trabalhando dentro da minha forma de arte. É simples assim (...). Chama-se composição. Tem a ver com melodia e ritmo, e depois disso vale tudo. Você torna tudo seu. Todos nós fazemos isso". Não há o que acrescentar.

Em 2003, o Wall Street Journal descobriu que as letras do disco 'Love and Theft' (2001), eram muito parecidas com trechos de uma obscura biografia de um bandido japonês lançada em 1995. Chegaram a mapear doze trechos semelhantes. Exemplo: "Não sou tão legal e clemente quanto pareço" [Dylan]; "Não sou tão legal ou clemente quanto eu poderia parecer" [livro]. Depois, em 2006, algum gênio do New York Times fez alegações semelhantes envolvendo o álbum 'Modern Times', evocando frases de um poeta da época da Guerra da Secessão norte-americana. Mas, atenção, se liga aí que é hora da revisão: minha gente, isso tudo é normal desde Eliot e mesmo antes de Eliot. Inclusive, o já citado Caetano, craque nesse tipo de procedimento, conseguiu uma verdadeira pérola na canção 'A Voz do Morto', que é aquele trecho que diz: "Eu sou terrível / Eu sou o samba". A justaposição direta de um verso-rock de Roberto Carlos e um verso-bamba de Zé Keti dando uma nova mensagem

criativa e mesmo proponente de novos procedimentos artísticos e culturais.

Outra coisa curiosa envolvendo Caetano Veloso, versos alheios e crítica burra. Quando saiu o disco 'Muito' (1978), o Geraldo Mayrink (que deus o tenha em bom lugar), então crítico da revista Veja, para provar a decadência poética do grande letrista, pinçou dois supostos maus versos de Caetano presentes no novo trabalho. Eram, "Da cor do azeviche, da jabuticaba" (em 'Eu Te Amo') e "Olha pro céu meu amor, veja com ele está lindo" (em 'São João, Xangô Menino'). Acontece que, como todos sabemos, os versos não são de CV, mas de Ary Barroso e Luiz Gonzaga respectivamente. Daí que ficou fácil para o leonino rebater e desqualificar o crítico com um chute de primeira: "Os versos nem são maus nem são meus". Usando ainda por cima da carne seca a gostosa paronomásia (maus/meus), recurso que, segundo Roman Jakobson, é a base da poesia. Mas talvez o crítico tivesse alguma razão em sua ignorância plena. É que os versos não foram imitados, mas roubados. Logo, eram (são) sim de Caetano. Maus não.

Mas agora volto a Bob Dylan, embora nunca tenha saído de lá. As queixas do folker-rock mostram que, para ele, muitos dos equívocos críticos sobre sua obra são fruto de uma campanha deliberada contra ele, não apenas da burrice. Algo como uma inveja ou raiva. "Todo mundo pode, menos eu (...). Para mim há regras diferentes", disse. E completou: "Essas são as mesmas pessoas que tentaram pregar em mim o nome de Judas". Por falar em citação de livro, de poetas e bandidos, Dylan bem poderia dizer, finalizando, como Álvares de Azevedo, esse outro roqueiro um tanto injustiçado:

XIV

Escutai-me, leitor, a minha história,
É fantasia sim, porém amei-a.
Sonhei-a em sua palidez marmórea
Como a ninfa que volve-se na areia
Co'os lindos seios nus... Não sonho glória;
Escrevi porque a alma tinha cheia
- Numa insônia que o spleen entristecia -
De vibrações convulsas de ironia!

XV

Mas não vos pedirei perdão contudo
Se não gostais desta canção sombria
Não penseis que me enterre longo estudo
Por vossa alma fartar de outra harmonia!
Se vario no verso e idéias mudo
É que assim me desliza a fantasia...

Mas a crítica, não ... eu rio dela...
Prefiro a inspiração de noite bela!

XVI

A crítica é uma bela desgraçada
Que nada cria nem jamais criara;
Tem entranhas de areia regelada:
É a esposa de Abrão, a pobre Sara
Que nunca foi por Anjo fecundada:
Qual a mãe que por ela assassinara
Por sua inveja e vil desesperança
Dos mais santos amores a criança!

Mas esses versos são meus. E assino embaixo,
Arrigo Barnabé

Fonte: <http://www.metro1.com.br/bob-dylan-e-caetano-veloso-versus-plagio-e-critica-burra-37-3119%2cblog.html>